

1974 e 2009: 35 anos de intervalo temporal e o discurso da fome na narrativa jornalística da Revista Veja

ALBA LÍVIA TALLON BOZI - Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e doutoranda na mesma instituição. É analista em Ciência e Tecnologia, lotada no Instituto Nacional de Tecnologia, e professora da Faculdade Pinheiro Guimarães. E-mail: albalivia@hotmail.com

Resumo: Este artigo faz uma análise de duas reportagens da Revista Veja, separadas por um intervalo de 35 anos e que abordam acontecimentos relacionados à fome mundial. As reflexões foram feitas tendo como referencial teórico as considerações do filósofo Vilém Flusser, tomando por imagens as realidades construídas pelas narrativas jornalísticas.

Palavras-chave: Narrativa – Jornalismo – Fome – Revista Veja

Abstract: This paper proposes an analysis of two reports of Veja magazine, separated by an interval of 35 years, about events related to hunger. The reflections were done having as theoretical reference the considerations of the philosopher Vilém Flusser, taking images of the realities constructed by journalistic narratives.

Keywords: Narrative - Journalism - Hunger - Veja Magazine

Analisar as narrativas jornalísticas é um desafio prazeroso e, de certa forma, angustiante. Nem sempre conseguimos compreender o que realmente nos está dito ali, em forma de texto, imagem e diagramação. A escolha das informações que serão reportadas, a ordem do relato, a disposição dos elementos numa página, o uso das palavras e a definição da ordem dos acontecimentos, por certo, não são arbitrários. No entanto, nem sempre é também conscientemente intencional. Os profissionais que lá estão, muitas vezes, já carregam internalizadas as rotinas produtivas, de tal forma que não podemos esperar deles um movimento consciente nesse fazer jornalístico. São rotinas estabelecidas a partir de interesses políticos e econômicos das empresas de comunicação, visando privilegiar determinadas versões da realidade, em detrimento de outras (GITLIN, 1980), e também resultantes da

experiência de vida dos profissionais que atuam na produção dos conteúdos, camufladas por regras de objetividade e equilíbrio, por exemplo.

Desde que começaram os estudos da comunicação, diversas teorias tentaram explicar a narrativa jornalística especialmente a partir da produção e da recepção, tratando esses dois pólos separadamente. As primeiras teorias elaboradas estavam centradas no emissor, e o colocavam, via de regra, como sujeito determinante na comunicação: “... o tratamento do emissor oscila desde uma autonomia absoluta (uma quase onipotência) até um quase servilismo à instância da recepção (aos desejos e demandas da esfera do consumo)” (FRANÇA, 2005). Outros estudos, no entanto, focaram o receptor, quase sempre o tomando como passivo e manipulável, ou atribuindo a ele uma excessiva autonomia e racionalidade.

Na segunda metade do século XX, porém, começou o movimento de análise levando em conta a narrativa como uma produção conjunta, algo decorrente de um processo relacional. A teoria de construção social da realidade, o estudo das mediações e os estudos culturais abriram espaço para a análise da comunicação como processo, buscando escapar das abordagens dicotômicas. Todos esses marcos teóricos tornaram os estudos sociológicos, e não mais de comunicação, e apresentaram limitações, como analisa Vera França (2005): “(...) estreitam o tratamento dos sujeitos comunicativos (o enfoque, com frequência descritivo, fica centrado no emitir e receber) e mantêm a dicotomia e separação entre um e outro pólo ou função; emissores tanto permanecem distantes como são analisados”.

Em seu trabalho, analisando as subjetividades contemporâneas, França destaca que é exatamente quando os sujeitos estão em transformação, no final do século XX, e constituídos a partir da comunhão com outros sujeitos, que a comunicação ganha mais importância, com papel central na construção das identidades. Para França, a limitação dos estudos sociológicos se dá, especialmente, por não considerar o movimento, a dinâmica das relações, e, portanto, as representações, das quais, somadas às mediações, resulta a comunicação (FRANÇA, 2005).

O filósofo Vilém Flusser lançou um novo olhar para a comunicação, a partir de sua análise dos avanços tecnológicos na produção/obtenção de imagens. No livro “O universo das imagens técnicas”, Flusser (2008) analisa as imagens, apontando caminhos para a conquista de uma relação humana mais consciente e menos alienada. No entanto, até chegar lá, diz ele, é preciso que se transforme a relação entre homem e máquina, para que essa seja submetida àquele, e não o contrário, como, segundo Flusser, tem ocorrido.

Sua abordagem se sustenta no olhar para o mundo não mais como algo linear, mas em contexto, e na passagem do concreto para a abstração. Flusser aponta os caminhos para a abstração, decorrência natural dos avanços tecnológicos, mas destaca a dificuldade do ser humano em lidar com isso e do seu desejo de concretude, mesmo que para isso seja necessário simulá-la. A abstração, para Flusser, se dá a partir de quatro gestos: manipulação, visão, conceituação e cálculo e computação. Esse último é o ápice da abstração, da virtualidade. No entanto, essa passagem não é simples, e o caminho para recuperar o concreto é o recurso à linguagem.

Por isso, segundo ele, é preciso deslocar a atenção dos pólos para a linguagem, para a mediação, o movimento, problematizar forma e conteúdo. “As imagens técnicas escondem e ocultam o cálculo (e, em consequência, a codificação) que se processou no interior dos aparelhos que as produziram.” Entre os desafios para alcançar esse resultado, Flusser (2008) aponta o “desafio do produtor”, de “fazer imagens que sejam pouco prováveis”, o “desafio da recepção”, de resistir ao fascínio dos produtos, e o “desafio da crítica”, de “des-ocultar os programas por detrás das imagens”. Nesse desafio é que nos centraremos neste artigo, tratando a narrativa jornalística como a imagem técnica a que se refere Flusser, decorrente das inúmeras possibilidades derivadas do cálculo e da computação.

É a partir de suas reflexões que tentaremos analisar o objeto aqui proposto, mas alertamos para a dificuldade de dar conta desse desafio. Afinal, seguindo a proposta de Flusser, é preciso rever também nosso olhar analítico, tarefa bastante árdua. Se é preciso “desprogramar o programa” na produção midiática, por certo isso também se faz necessário para conseguir analisar o material veiculado, o “desafio da crítica” a que nos referimos acima. Para Flusser, o olhar deve ser para o processo produtivo, o tear, e não para o resultado, o tecido, ao qual já estamos habituados a olhar.

A tentativa de desocultar os programas nos exige enfatizar que o discurso nasce de uma intenção, que a produção do conteúdo é feita a partir de um movimento calculado, ainda que, no caso das narrativas jornalísticas, o produtor não se dê conta da sensação de naturalização de que ele foi tomado. Apesar disso, é ainda preciso buscar maneiras de identificar a intencionalidade do discurso e descortinar seu processo produtivo.

Compreender o processo relacional da comunicação exige problematizar o triângulo narrativa-tecnologia-discurso, proposto por Adriano Rodrigues (1984), dando atenção aos três vértices. No entanto, o que ocorre mais habitualmente, a partir da explosão tecnológica do

século XX, é uma exagerada atenção a apenas um dos lados, como se a comunicação se desse somente pelas máquinas. A idéia defendida por McLuhan (2002), resumida na expressão “o meio é a mensagem”, dando grande importância às tecnologias como conteúdo e delegando ao receptor um sub-papel no processo comunicativo, reinou por longo tempo e parece ter sido apropriada pelo jornalismo na tentativa de reivindicar para a prática social uma característica de ordem técnica e, portanto, objetiva. Como McLuhan, diversos outros autores fizeram análises desse tipo. O fato de que os estudos de comunicação tenham se desenvolvido simultaneamente aos avanços e inserções de tecnologias, durante o século passado, contribui para essa análise unifocada. Mesmo nesse contexto, porém, alguns estudiosos alertaram para essa abordagem limitada, e destacaram a importância da mediação como objeto de análise, como Martin-Barbero (2001) e Stuart Hall (1997). Ainda antes deles, Flusser já dizia que, para compreender a intencionalidade do discurso, é preciso pensar nas relações, olhar para o jogo, e não para os pólos. Como o esforço da narrativa é manter os relatos ordenados, a análise deve buscar o que escapa ao programa, o momento em que há a falha, quando a máquina não dá conta do que pretende.

A fome narrada

Com esse olhar, nos propomos a escrever este artigo. Tomamos por objeto de análise duas reportagens da Revista Veja, separadas por um intervalo de 35 anos, que trazem a fome como tema. A primeira, intitulada “O mundo sem alimentos”, que vai da página 84 à página 100, rendeu a capa “A fome no mundo”, na edição 323, de 13 de novembro de 1974. A segunda, publicada na edição 2143, de 16 de dezembro de 2009, com manchete de capa “Estamos devorando o planeta”, tem por título “Fome de ar, água e comida” e vai das páginas 132 a 146. Ponto comum, além do tema em debate, é que as duas fazem a cobertura de reuniões mundiais em busca de soluções para problemas do planeta. A primeira traz os relatos da Conferência Mundial de Alimentação, promovida pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e realizada em Roma naquele ano, reunindo representantes de 123 países, e a segunda é motivada pela United Nations Climate Change Conference 2009 (COP15), realizada em Copenhague, na Dinamarca, com representantes de 192 países, buscando acordo para conter o ritmo do aquecimento global.

Se pensarmos pela forma, rapidamente identificamos diferenças entre as duas edições. Na primeira, a informação está organizada pela escrita, distribuída de maneira linear. Na segunda, os recursos visuais são bastante explorados, explorando as possibilidades abertas

pela difusão das novas tecnologias digitais. Nas duas, entretanto, podemos encontrar as marcas do “programa” do jornalismo, especialmente centrado na ordenação da realidade. No primeiro, o drama esqualido e torpe é destacado visualmente, embora não se tenham em mãos os dispositivos gráficos da reportagem mais atual. O flagelo fica visível e chocante na imagem da criança esquelética no colo da mãe, numa busca de mostrar a dura realidade enfrentada pelas vítimas do grande problema em debate naquela conferência mundial.



Revista Veja. *O mundo sem alimentos*. Edição 323 (13 de novembro de 1974), p. 85

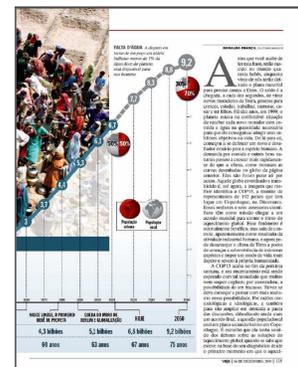
Já a reportagem de 2009 traz fotografias que indicam o problema e, acompanhadas das legendas, dão a tônica da realidade que a revista se propõe a mostrar. No entanto, a cobertura, de forma geral, mesmo com tantos recursos gráficos, não explora miseráveis famintos e moribundos de maneira tão chocante. Utiliza gráficos, montagens e quadros que pretendem prestar informações objetivamente sobre a situação do planeta, destacando as questões que alimentaram as discussões do evento realizado em Copenhague.



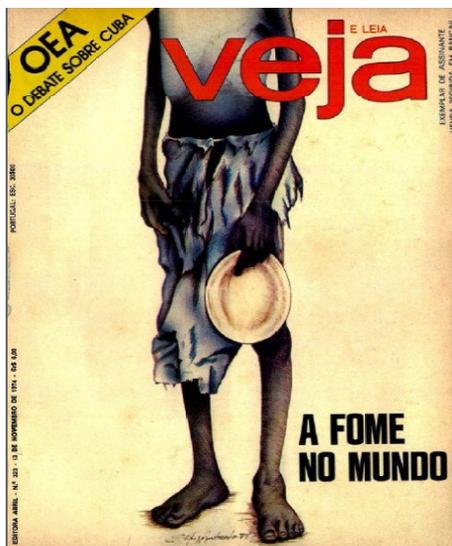
Revista Veja. *Fome de ar, água e comida*. Edição 2143 (16 de dezembro de 2009), pp. 132-133



Revista Veja. *Fome de ar, água e comida*. Edição 2143 (16 de dezembro de 2009), pp. 134-135



Na capa, a imagem de um perfil feminino de pele bonita, dentes brancos e alinhados, maquiagem e traços delicados, quase abocanhando um garfo com o globo terrestre espetado, ilustra a manchete “Estamos devorando o planeta”. Na edição de 1974, a capa, com menos elementos, traz a ilustração de uma pessoa do sexo masculino, representada do tórax para baixo, muito magra, pernas finas, pés largos e descalços, com a roupa rasgada, acompanhando a manchete “A fome no mundo”.



Revista Veja. *O mundo sem alimentos.*
Edição 323 (13 de novembro de 1974)



Revista Veja. *Fome de ar, água e comida.*
Edição 2143 (16 de dezembro de 2009)

Como observamos, em 1974, Veja busca impactar com recursos visuais mais duros e diretos, enquanto na edição mais recente é notável uma higienização nas imagens. Os exemplos escolhidos para a análise neste artigo mostram como o jornalismo vai ao encontro do pensamento moderno de ordenar o caos de forma asséptica (RESENDE, 2007). O jornalismo define conceitos, classifica assuntos, formata comportamentos e atua na construção social da realidade, nos ajudando a organizar a vida cotidiana e compreender a sociedade. Para isso, recorre à linguagem, característica essencial do ser humano (BERGER & LUCKMAN, 2004). A construção das notícias, um tecido de discursos e enquadramentos elaborados com base em normas da profissão, é um recurso social que coloca limites à compreensão analítica da vida contemporânea, que ajuda a construir significados que farão sentido para o mundo (TUCHMAN, 1978).

As máquinas e seus recursos técnicos são utilizados para atender esse “programa” instaurador da ordem, que pretende manter na superficialidade a imagem, fazendo-a parecer

real exatamente por não permitir conhecer ricamente a maneira como se constitui. Flusser destaca que a imagem na superficialidade cria a ilusão do real, embora nada mais seja do que um conjunto de pontos que, vistos superficialmente e com certa distância, fazem parecer uma realidade que se pretende mostrar. Assim, uma fotografia nada mais é que uma fotografia, embora a intenção contida na sua divulgação seja fazer remeter ao observador a idéia de que a fotografia é mesmo a cena retratada, concretizar o abstrato da sua constituição.

Não apenas entre uma edição e outra, mas também na própria sociedade, da qual a publicação é, de certo modo, resultado, houve muito avanço tecnológico em diversas esferas, além da comunicacional. A tecnologia está presente não somente nos recursos gráficos da reportagem, como também na realidade cotidiana que a narrativa jornalística tenta organizar. Resultado dessas transformações, a abstração, obtida na última etapa dos quatro gestos elencados por Flusser, é mediada, mas o programa midiático, tal qual a sociedade em passagem, tenta concretizar a realidade, e uma das maneiras de fazer isso é representando-a, então, por meio dos recortes. Por isso, Vera França propõe que a comunicação não é também somente a mediação, mas o resultado das mediações e das representações. As reportagens são recortes de observação do mundo, mas como os recortes são estáticos, é preciso não perder de vista a mediação, que supõe a circularidade, o movimento. Olhar apenas para o concreto simulado nas narrativas não nos permite compreender o jogo de que fala Flusser. É preciso olhar para o programa e para seus funcionários, que se distribuem em papéis de emissão e recepção. Destacamos, aqui, que Flusser defende exatamente a não polarização, mas na nossa análise, muitas vezes, a separação dos termos é necessária para facilitar nossa compreensão. A asserção do filósofo é que, apesar do funcionamento dos programas e das dificuldades aparentes de se alcançar uma crítica consciente sobre o que eles nos trazem, é no próprio programa que está a possibilidade de se chegar a essa consciência. O excesso de informação possibilitada pelos recursos tecnológicos, pela facilidade de circulação e acesso, faz com que emissor e receptor não se detenham nelas. No entanto, isso seria possível, mesmo nesse contexto, quando o olhar de um e de outro passar a ser diferente. Segundo Flusser, a mesma dispersão que leva ao relaxamento levará ao engajamento.

Ao observar as duas reportagens de *Veja*, separadas por 35 anos, podemos analisar alguns elementos comuns às duas, em termos de conteúdo. Mas observamos também que, embora alguns dados se repitam, o viés e o destaque dados a eles variam nesse intervalo. Os critérios de noticiabilidade não mudaram ao longo da história da prática jornalística, porém a

forma como eles são tratados acompanha as tendências contemporâneas da sociedade. Assim, podemos dizer que o “programa” do jornalismo é o mesmo, e toma por princípio a ordenação da realidade em acontecimentos noticiáveis, quase sempre fazendo parecer que cada quadro é independente, e não que as coisas estão relacionadas e que não há como representar a totalidade. Os recursos disponíveis aos programadores, ousamos dizer, é que mudaram, e se tornaram ainda mais propícios a atender as demandas e ideologias determinantes do programa do jornalismo, especialmente no intuito de mapear pontualmente a realidade, e não promover conexões e análises mais profundas. Temos um exemplo daquilo que Certeau (2000) aponta em relação à falta de percursos, e à estatização da realidade, limitação que Vera França aponta para as representações, os recortes da realidade que buscam chegar à objetividade.

A multiplicidade das vozes da sociedade, de que nos fala Barbero, Hall e tantos outros, tanto hoje como 35 anos antes, não se faz ver nas reportagens, apesar de estarem ali presentes diversos atores como fontes informativas, como determina a prática jornalística. Em ambas edições, no entanto, o faminto, que seria o principal personagem do tema, não se faz ouvir. Quem fala por eles é o próprio jornalismo e representantes de outros segmentos sociais autorizados e legitimados pelas regras jornalísticas a serem a voz das vítimas. Na retranca “Visões de um mundo faminto”, por exemplo, dois agrônomos e um cientista falam da fome.

A reportagem de 1974 empenha-se em apresentar informações que apontem a realidade sofrida dos miseráveis. Parte dos dados disponíveis na reportagem foi apresentada na Conferência Mundial de Alimentação, o objeto da reportagem. Veja descreve o clima da reunião, as trocas de acusações entre as autoridades presentes e alarma, retomando a teoria malthusiana¹, que o problema da fome tende a aumentar porque será impossível alimentar tanta gente. No primeiro parágrafo, já lança: “Assim, sob a forma de perguntas urgentes, e de novo para espanto ou terror do mundo, o imortal esqueleto do Apocalipse volta a cavalgar vorazmente sobre a humanidade.”

¹ O economista e demógrafo britânico Thomas Malthus, na passagem dos séculos XVIII para XIX, ficou conhecido por sua polêmica teoria de que a população mundial cresce em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos aumenta em progressão aritmética, sendo a fome, portanto, um mal inevitável. Na segunda metade do século XX, os problemas demográficos mundiais revitalizaram as idéias de Malthus, na forma de um “neomalthusianismo”.

Naquele momento, voltava à tona, com bastante força, a teoria de Malthus, especialmente em virtude dos problemas que começavam a aparecer de falta de alimentos e da falta de autonomia de diversos países sobre a alimentação de suas populações. As soluções elencadas na reportagem são novas plantações, novas comidas, melhores colheitas, reforma agrária, cooperação global e controle populacional. A revista reforça a ideia de que a população está crescendo de forma acelerada e que o planeta não é capaz de produzir alimentos na mesma velocidade. Legitima sua posição citando estudiosos que defendem esse pensamento.

Por mais chocantes ou apavorantes que sejam os números sobre a fome, a verdade é que eles já estavam previstos desde os tempos imemoriais, dos homens das cavernas às profecias bíblicas. E uma relativa abundância na produção de comida, logo depois da II Guerra Mundial, parece ter contribuído para expulsar da memória humana tanto o fantasma de Parson Thomas Malthus, o economista inglês que duzentos anos atrás fez a assustadora conjugação das linhas de crescimento de comida com a da multiplicação de pessoas, quanto as palavras de visionários como George Orwell, para quem ‘as mudanças de dieta são mais importantes que as de dinastia ou de religiões’.

Seis anos atrás, o filósofo e cientista social inglês C. P. Snow trazia esta ameaça para o campo do provável: ‘Entre 1975 e 1980, na melhor das hipóteses, haverá fomes localizadas. Na pior, as fomes localizadas se espalharão pelo mundo’. Os especialistas não tiveram nenhuma surpresa, portanto – nem dificuldades para determinar os motivos da crise de agora. Segundo eles, quase tudo que poderia acontecer de errado na produção e distribuição de alimentos de fato aconteceu de dois anos para cá.

A reportagem de 1974 reforça, ainda, que problemas ecológicos somados a questões políticas são responsáveis pela miséria de algumas sociedades, e descreve situações terríveis e chocantes.

No Chade, um dos seis países africanos da região ao sul do Saara conhecida como Sael (onde vivem 25 milhões de pessoas que há seis anos enfrentam a seca e o avanço das areias do deserto, à velocidade de 50 quilômetros por ano), muitos pais recusam os remédios contra difteria enviados pela ONU: preferem que seus filhos morram imediatamente a crescerem em agonia. Na Índia, em certas províncias do nordeste, os famintos – são 15 milhões deles em todo o país – desfolham todas as árvores que encontram em busca de algumas miseráveis calorias que poderão prolongar um pouco mais suas vidas, enquanto famílias inteiras se suicidam enlouquecidas pela fome.

Na reportagem de 1974, Veja levanta questões acerca das responsabilidades, não apontando claramente de onde deveriam partir as soluções, mas colocando os líderes dos países mais ricos em saia justa. Com a fala do “pai da revolução verde”, o agrônomo americano Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz de 1970, Veja encerra a primeira parte da reportagem: “... basta deixar o secretário de Estado Henry Kissinger e mais doze ministros de

países-chave da Conferência trancados num quarto sem comida, e depois também sem água. Uma solução aparecerá.”

Já em 2009, Veja aproveita o tema do evento objeto da cobertura jornalística – mudanças climáticas – para trazer à tona, com ênfase, o problema do crescimento acelerado da população, mas dessa vez não alertando apenas para a falta de alimentos, mas responsabilizando o excesso de gente no planeta pelo aquecimento global, a bola da vez na agenda mundial. Reclama, no entanto, que a questão não está sendo tratada com a devida seriedade na Conferência.

Por razões metodológicas e ideológicas, e também para não ampliar em demasia a pauta das discussões, dificultando ainda mais um acordo final, a questão populacional está em plano secundaríssimo em Copenhague. É estranho que ela tenha sumido dos debates sobre as soluções do aquecimento global, quando se sabe que esteve na base do seu diagnóstico desde o primeiro momento em que o aquecimento global foi visto como um perigo potencial.

Centra seus argumentos nos países pobres, que estão mudando de hábitos e agravando o aquecimento global. Se na edição de 1974 Veja destaca as vítimas e as fontes preocupadas com os famintos, na reportagem mais atual a revista, ao contrário, chega a responsabilizar os miseráveis pelos problemas do planeta. Apresenta dados e estimativas, num mapeamento do quadro: hoje, a Terra tem 6,8 bilhões de habitantes e, em 2050, terá 9,2 bilhões. Após os dados, entra com sua análise sobre isso: “... graças ao sucesso da globalização econômica, a maioria delas [as pessoas] atingirá um padrão de consumo de classe média” e “É enorme o impacto da explosão populacional aliado à emergência social e econômica de imensas massas humanas antes fadadas à miséria.”

Nos infográficos, explora esse tipo de informação. Em um deles, fala de quanto uma pessoa produzirá de gás carbônico, um dos responsáveis pelo aquecimento do planeta, ao longo da vida. Mas escolhe para o exemplo um chinês, cujo país vem se destacando mundialmente pelo rápido crescimento econômico: um chinês, vivendo 73 anos e tendo subido para a classe média, terá produzido 300 toneladas de dióxido de carbono. Em outro, intitulado “A virada da poluição”, mostra que, em 1850, 24% das emissões de gases do efeito estufa eram de países em desenvolvimento e 76%, de países desenvolvidos; e, em 2009, esse quadro se inverteu, passando para 54% de países em desenvolvimento e 46% de países desenvolvidos. Sobre o consumo de calorias, também aponta a queda na diferença entre o consumo calórico de países ricos e pobres.



Revista Veja. *Fome de ar, água e comida*. Edição 2143 (16 de dezembro de 2009). P. 137-138

As reflexões e apontamentos de Flusser nos enchem de esperanças por acreditar que é possível, da superficialidade das coisas chegar ao engajamento e às transformações críticas necessárias à sociedade. Apesar disso, assumimos, diante das análises feitas das reportagens em questão neste artigo, que não compreendemos ainda como a proposta de Flusser pode ser viabilizada. Considerando as narrativas jornalísticas, cujo programa ainda se apoia no modelo de transmissão de informação e, portanto, claramente dicotomiza os papéis de produtor e receptor, a comunicação enquanto circularidade, enquanto relação, nos parece distante. Mais grave ainda quando vemos a unicidade de vozes e a postura asséptica do jornalismo diante da desigualdade social que acomete o mundo.

Não podemos, porém, deixar de tentar identificar, analisar e compreender a complexidade da narrativa jornalística, apesar de nossa dificuldade em fazer isso. Afinal, “o jornalismo é também o espaço em que se narram modos e experiências de vida, dado

relevante para qualquer lugar de saber e prática que tenha a subjetividade como algo para além do efêmero” (RESENDE: 2007). Sabemos, por isso, que o jornalismo interfere, sim, no modo de vida da sociedade e, embora longe de alcançar o ideal da proposta de Flusser, é preciso não perdê-lo de vista nem dele abrir mão, dada sua relevância social.

Em especial no tema da fome, além dos mapeamentos discursivos feitos pela revista nas edições escolhidas para análise, podemos ir além do que a própria revista nos coloca. Resende (2002) ressalta que “as verdades também se revelam nos interditos e nos espaços aparentemente menores”. Ao longo de 35 anos, identificamos, além das duas edições analisadas, menos de 10 edições cujo tema foi tratado na capa. Assim, mesmo que em alguns momentos haja destaque para o assunto e que a própria revista seja incisiva na necessidade de uma solução para o problema, a ausência do assunto revela que a fome, realidade dos pobres e excluídos, não é questão tão relevante na sociedade a ponto de mobilizar os poderes políticos e econômicos em busca de sua resolução, e deixa claro que, ainda na contemporaneidade, os interesses que ditam as regras profissionais não se diferem dos valores colonialistas e exploratórios vividos outrora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 24ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 247p.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. In: RESENDE, Fernando. *Espaços parciais, espaços de resistência: relatos e conflito no cenário contemporâneo*. In: GOMES & MARGATO (org.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FLUSSER, Vilem. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

FRANÇA, Vera. *Sujeito da comunicação, sujeito em comunicação*. In: FRANÇA & GUIMARÃES (orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica,

2006, p.61-88. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/artigos/sujeito-da-com-1-1.doc/download>

GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left*. Berkeley [etc]: University of California Press, 1980.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In: THOMPSON, K. (org.). *Media and cultural regulation*. Londres, 1997

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002.

RESENDE, Fernando. *Espaços parciais, espaços de resistência: relatos e conflito no cenário contemporâneo*. In: GOMES & MARGATO (org.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. *O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico*. In: RESENDE, Fernando. *Discursividade e narratividade: vértices redimensionados no jornalismo*. Apresentado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, realizado de 15 a 17 de novembro de 2007, na Universidade Federal de Sergipe.

RODRIGUES, Adriano. *O campo dos media: discursividade, narratividade, máquinas*. In: RESENDE, Fernando. *Discursividade e narratividade: vértices redimensionados no jornalismo*. Apresentado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, realizado de 15 a 17 de novembro de 2007, na Universidade Federal de Sergipe.

TUCHMAN, Gaye. *Making News: a Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978.

Revista Veja

O mundo sem alimentos. Ed. 323. São Paulo: Abril, 13 de novembro de 1974. pp. 84-100

Fome de ar, água e comida. Ed. 2143. São Paulo: Abril, 16 de dezembro de 2009. pp. 132-146